

Confederação
Operaria
Brasileira

o anarco SINDICALISTA

Associação
Internacional dos
Trabalhadores

ANO I N° 2

CENTRO SUL

NOV/90

Cr\$ 30,00



Paulo Maluf



Sarney e Antônio C. Magalhães



Hélio Garcia

BRASIL NOVO É A CARA DO VELHO: VOTE NULO OUTRA VEZ!



Jarbas Passarinho



Orestes Quêrcia



Brizola



Marco Maciel

□ Editorial

Passados poucos dias das eleições, e seguro de sua vitória, o governo baixa mais um "tarifaço". Sobem os combustíveis (30%), a energia elétrica (23%), os ônibus interestaduais (27%) e até o pãozinho (20%). Outros aumentos estão sendo preparados. São fatos como esse que questionam a própria legitimidade dessas eleições. Afinal, não é de hoje que os candidatos são eleitos em cima de uma proposta e, no dia seguinte ao resultado, anunciam uma coisa totalmente oposta. O povo ainda guarda na memória a imagem de um jovem candidato a presidente da República, um tal de "caçador de marajás", que garantia que as cadernetas de poupança e o

salário dos trabalhadores eram "intocáveis".

Os votos nulos e em branco, somados às abstenções, chegaram a quase 50% em vários estados. Mas ninguém parece se preocupar muito com isso. Os deputados preparam um novo aumento dos seus salários (de 80%!!!), partidos negociam uma maior participação no governo, candidatos conchavam apoios políticos para disputar um segundo turno previsto em lei.

Não há o que escolher

Você já percebeu que não tem o menor controle sobre os políticos que elege. Então, pare de fazer pelos outros e faça alguma coisa por si mesmo. Você já escolheu todos eles, alguma vez, e em algum

lugar: todos eles (PMDB, PRN, PDS, PFL, PDT e PT) exercem alguma espécie de poder nos três níveis (municipal, estadual ou federal). Eles brincam com você: o governante de ontem é a oposição de hoje e o possível eleito de amanhã. O verdadeiro protesto é não dar o voto a nenhum deles. Todos eles querem te pregar uma peça: entre Maluf x Fleury, Hélio Costa x Hélio Garcia, Martinez x Requião, Colares x Marchezan, depois do voto escolhido (1º turno) vem o voto no "mal menor" ou voto negociado. Não há a menor diferença entre todos eles. "Bons" e "maus", de "direita" ou de "esquerda", os políticos são o maior obstáculo às mudanças.

Por isso te chamamos a anular

de novo o voto, onde houver 2º turno. Queremos uma outra sociedade onde as decisões sejam tomadas diretamente, sem políticos ou intermediários. Queremos um mundo em que o trabalhador controle a empresa em que trabalha, sem a existência de patrões ou qualquer outra espécie de exploradores. Queremos ainda uma sociedade sem governos, que são a fonte de toda opressão, e sem militares, que sobrevivem às custas de guerras e conflitos. Essas propostas não são negociáveis, e por elas estamos dispostos a lutar até às últimas conseqüências. Assim, o convidamos a se juntar a nós para esse combate. Vamos anular o voto uma vez mais.

Quem te viu, Quem T.V.

Todos os dias nos Jornais Nacionais, que são órgãos oficiais e principais militantes do governo Collor, fala-se que o governo faz "isso", faz "aquilo"... mas nunca mostram a realidade total dos fatos.

Não falam do arrocho salarial (o maior da história do país), que o governo está promovendo contra a classe trabalhadora, não falam da enorme quantidade que o governo gasta na construção de armas e muitas outras maracutaias que pratica.

E quando falam das greves, as tratam como se fossem caso de polícia e não reivindicações justas dos trabalhadores.

Em épocas de eleições sempre manipulando os números das pesquisas e consequentemente a cabeça do povo.

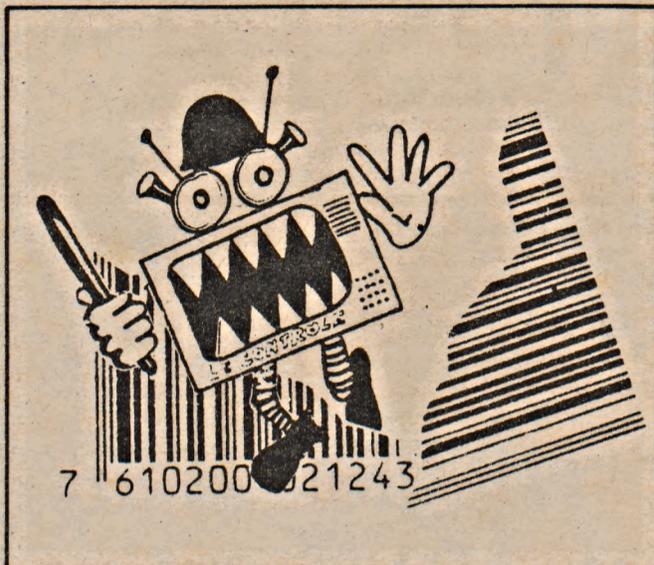
Chega-se assim ao principal problema, a manipulação. Hoje em dia o povo não pensa por si próprio, não tem senso crítico, tudo em que acredita como sendo verdadeiro é o que quer a classe empresarial e estas idéias são passadas pelos meios de comunicação de massa (TV, rádio e grandes jornais), dos quais os donos são os próprios empresários. Chegando neste ponto, a questão ultrapassa o jornalismo tendencioso e mentiroso.

Começamos pelos programas infantis, onde através da criação de ídolos em laboratórios, tais como Xuxa, Angélica e outras, as crianças se anulam enquanto indivíduo de vontade própria, passando a fazer tudo que seu ídolo fizer ou "recomendar" que faça. Principalmente se for para comprar, comprar e comprar.

Um exemplo claro disso é o tanto de programas infantis que hoje em dia se passa na TV. É ilusão acreditar que é por ser bom "brincar com vocês, estar com vocês...", é por dinheiro e para o processo de alienação do indivíduo. Outro aspecto importante é o da mudança dos heróis. Nas gerações passadas os heróis eram: Super-Homem, Mulher Maravilha, Hulk e etc, todos representando o imperialismo americano, que hoje está perdendo campo para o imperialismo nipônico, e dentro desta mudança aparecem novos heróis: Jaspion, Changeman e outros. Mostrando a função da TV para preparar a ação do imperialismo.

É bom também não esquecer o papel da família, que antes de todos começa a reprimir a vontade própria das pessoas para torná-las submissas, mas isso é outra história.

Depois da criação do ídolo na cabeça da criança, o capitalismo cria ídolos para todas as faixas etárias e, com isso, as pessoas continuam a se anular em razão dos seus ídolos. A sociedade está repleta desta prática.



Para se vender qualquer produto que seja, de boa qualidade ou não, saudável ou não, basta que um ídolo apareça numa propaganda usando e todo povo usará e sempre isso é veiculado pelos meios de comunicação de massa, que chegam a trabalhar conjuntamente. Exemplo: as músicas que mais fazem sucesso nos rádios são músicas temas de novelas ou porque passaram no Fantástico.

Outro exemplo escandaloso, um dos maiores dos últimos tempos, do poder dos meios de comunicação de massa, foi a eleição do boneco Collor, que antes da sua famigerada aparição no Jornal Nacional e na Revista Veja, em matéria paga pelo governo de Alagoas, era um mero desconhecido.

"O mundo trata melhor quem se veste bem".

Até o conceito de "beleza" é manipulado por eles. Criou-se o imperialismo da beleza, onde o conceito do belo e de se vestir é tirado dos ídolos de novelas e propagandas. O belo é rico, branco, loiro, de olhos azuis... Ao contrário, a realidade é bem diferente. Somos um país basicamente negro e pobre. Ao valorizar os outros, estamos nos rebaixando e perpetuando nossa situação de escravos, tanto psicológica quanto economicamente.

"É verdade, passou no Jornal Nacional".

A verdade antigamente era dita pelos mensageiros de Deus, e hoje pelos da "ciência" (o médico, o cientista, o acadêmico e principalmente pelo jornalista). Este fenômeno se dá devido à formação escolar simples do povo brasileiro, que ouve um homem ou uma mulher, se enquadra nos conceitos de "beleza" vigentes e fala um português correto, que toma essas informações como verdadeiras.

Conclui-se, depois dessa leitura, o papel nefasto dos meios de comunicação de massa nos dias atuais. Como início, todas as pessoas devem olhar com senso crítico para estes instrumentos burgueses de alienação, mas só uma verdadeira contra-informação pode solucionar, isto é, os meios de comunicação dos próprios trabalhadores, feitos pelos mesmos, como o nosso jornal.

Surrealistas e Anarquistas: Um encontro de espíritos revolucionários

As diferentes manifestações de revolta não devem estar isoladas umas das outras, e nenhuma deve ser priorizada em relação às demais, quando todas buscam o mesmo resultado — a Revolução Social. O debate entre anarquistas e surrealistas, durante a década de 50, na França, seguiu este princípio. O contato permitiu a ambos os grupos o exame de suas idéias e dos problemas dos Socialismo, com o objetivo de tentar dar à Revolução um impulso novo.

Este encontro entre anarquistas e surrealistas franceses deu-se nas páginas do "Le Libertaire", jornal da Federação Anarquista Francesa, através da publicação de artigos, críticas e ensaios dos surrealistas nos quais eles tratam não só de arte, mas de política, cinema e literatura. Esses artigos, publicados entre 1951 e 1953, foram agora, no Brasil, reunidos em livro. "Surrealismo e Anarquismo - Bilhetes Surrealistas de Le Libertaire" foi organizado, selecionado e traduzido por Plínio Augusto Coelho. O livro foi lançado agora, em outubro de 1990, pela Editora Imaginário.

Como seu deu a colaboração entre os dois grupos? Anarquistas e surrealistas tinham em comum, primeiramente, o desejo de destruir tudo aquilo que oprime e limita a liberdade do homem, seja no plano sócio-econômico, seja no plano ético. Em alguns dos artigos, os surrealistas tentaram provocar nos anarquistas uma tomada de consciência em relação às questões éticas e morais que, segundo eles, necessitavam de uma mudança tão radical quanto as questões sociais. Ainda segundo a visão dos surrealistas, a Revolução deveria ser total, e no plano intelectual eles teriam uma grande contribuição a dar, seja na reabilitação do sensível, seja na conscientização das necessidades mais profundas do homem.

Esta provocação, é certo, causou uma reação dos anarquistas, que contra-argumentaram ressaltando que o Anarquismo efetivamente luta por uma Revolução total, mas sem in-

tenção de impor nenhuma arte ou filosofia como a "Arte ou Filosofia Oficial do Anarquismo". Isso representaria um equívoco.

Temas como este, e muitos outros, são tratados nos artigos reunidos no livro. Alguns deles, que discorrem especificamente sobre a estética surrealista, não exigem dos leitores, por isso mesmo, conhecimentos prévios muito profundos sobre o assunto. Com um conhecimento mínimo, é realizada sem dificuldades a leitura dos artigos, a qual, certamente, interessará a todos aqueles que buscam conhecimento do assunto.

Há na obra desde artigos que beiram o poético - como o bellissimo artigo de Jean Schuster "O Sonho e a Revolução" - a alguns bastante irônicos e críticos, como "Evolução" do surrealista Adonis Kyrou. Há outros muito exaltados, como o do surrealista André Breton, "A Clara Torre", texto que, na opinião de Pietro Ferrua, é uma "declaração de amor" pelos anarquistas. Estes, no entanto, mostram-se mais contidos em relação ao outro lado.

A seleção dos artigos foi feita de modo a mostrar ao leitor como se deu a evolução do relacionamento entre os dois grupos, permitindo assim que um mesmo assunto seja discutido em mais de um artigo. Este trabalho de pesquisa, portanto, é um importante e interessante documento de estudo para todos que desejam a liberdade do homem; liberdade econômica, moral, política, a liberdade que é amor, poesia a liberdade que amplia indefinidamente os horizontes do homem.

Em tempo: a Editora Imaginário, que publicou "Surrealismo e Anarquismo", lança também este mês os seguintes livros: "Educação e Liberdade" (coletânea) e "Reflexões sobre a Anarquia", de Maurice Joyeux (há um ensaio de Maurice Joyeux sobre o surrealismo no livro "Surrealismo e Anarquismo"). Todas essas obras discutem também sobre o Anarquismo e as idéias libertárias. Em breve, novas resenhas.

Endereços da COB para contatos

— União Local de Porto Alegre (RS)
CP 5036 — Porto Alegre (RS)
CEP 90051

— União geral de Trabalhadores de São Paulo
CP 30733 — São Paulo (SP)
CEP 01051

— Núcleo pró-COB Bahia
CP 053 — Salvador (BA)
CEP 40001

— Núcleo pró-COB de João Pessoa (PB)
CP 1078 — João Pessoa (PB)
CEP 58000

— Sindicato de ofícios Vários de Brasília (DF)
CP 020266 — Brasília (DF) CEP 70001

— Núcleo pró-COB de Curitiba (PR)

IMPRENSA LIBERTÁRIA

RS
— Revolta e Revolução
— O Bancário Revoltado
SP
— Ação Direta
DF
— O Anarco-Sindicalista
BA
— Ação Direta
PB
— Autogestão
RS
— O Criativo Anárquico
CP 10008 — Porto Alegre (RS)
CEP 90001
— Desobediência Civil
CP 307 — Canoas (RS)
CEP 92000
RJ
— Utopia
CP 15001 — Rio de Janeiro (RJ)
CEP 20155

EXPEDIENTE

"O Anarco-Sindicalista"

Órgão de divulgação das seções da região Centro-Sul da Confederação Operária Brasileira (COB), filiada à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Comissão Editorial: Sindicato dos Trabalhadores em Ofícios Vários (DF), filiado à COB. Correspondência: Caixa Postal 02-0266 CEP: 70001 — Brasília-DF.

Balanço Eleitoral e Perspectivas

Qual o significado da avalanche de votos nulos e brancos em todos os estados? Quem ganha, quem perde, e como ficam as forças de direita, centro e de esquerda? O que muda no País com essas eleições?

Você certamente já deve ter lido e ouvido diferentes respostas para estas perguntas. Os políticos populistas, com seus currais eleitorais bem definidos como o sr. Joaquim Roriz (DF), acham que faltou "ensinar melhor o povo a votar". A esquerda e setores da direita dizem que foi um "repúdio aos maus políticos". Você nunca ouviu, e nem vai certamente, algum político admitir que todos os políticos são iguais. "Basta escolher certo", eles dizem.

O que eles não podem esconder é o fato: de norte a sul do país milhões de pessoas escolheram conscientemente anular o voto ou votar em branco. Essa eleição foi precedida pelas de 85 (prefeituras de capitais), 86 (Câmara, Senado e governadores), 88 (prefeituras novamente) e 89 (Presidência da República). O povo já está escolado em como marcar o "X". Sem contar que a imprensa mostrou vários exemplos de votos anulados. Todos com reclamações, xingamentos, etc. A revolta não ficou só na reclamação, não. Foi parar dentro da cabine. O cidadão acordou, saiu de casa, foi votar, viu as alternativas (bastava apenas um pequeno "X" para senador e governador) e nem assim mudou de idéia. Escreveu um bilhete em cima do voto e foi embora!

Isso não quer dizer que o Brasil está cheio de anarquistas "de carteirinha", revolucionários convictos e decididos a mudar a sociedade imediata e radicalmente. Mas ninguém pode negar que fomos os únicos a de-

fender a bandeira do voto nulo, em panfletos, jornais, pichações, etc. Todos os meios de comunicação, todos os partidos políticos (de direita, centro, esquerda e grupelhos autodenominados de "revolucionários"), a Igreja Católica, os sindicatos oficiais, os empresários, todas as instituições fizeram apelos em favor da escolha de candidatos "certos" ou "os melhores candidatos". Os votos nulos e em branco mancharam sem dúvida a imagem de todo esse "circo democrático". Sua maior mensagem: "Vocês não estão nos ouvindo. Nós queremos alguma coisa a mais que não está nas suas promessas. Se continuarem assim, nós vamos abandonar vocês políticos e procurar uma alternativa mais adequada". Quanto mais cedo o povo acordar para essa alternativa, melhor. Sejam bem-vindos à acolhedora alternativa da Anarquia, trabalhadores brasileiros que anularam seu voto!

Quem ganhou e quem perdeu

O principal vitorioso nos outros votos, os "válidos", foi o governo. Mas isto já era esperado. A tática foi a mais manjada: "dividir para governar". Os governistas se dividiram em vários pequenos partidos (PL, PRN, PDS, PTB, PRS, etc.), além do PMDB e PFL, e assim garantiram disputas tranqüilas, entre colloridos, no segundo turno. Isso quando não levaram já no primeiro. Caso típico é o de Alagoas: Renan Calheiros e Geraldo Bulhões disputam pra ver quem é mais fiel ao "homem" (Collor).

Além disso, todo governo no início é como mulher bonita. Todo mundo quer "paquerar". A "noiva do Planalto" estendeu seus braços em direção aos outros partidos: o PSDB é aliado certo, brizolistas eleitos já

acenam com uma "convivência pacífica", a CUT aderiu com unhas e dentes ao Pacto Social. Collor dá avisos: "Quem não vier a mim ficará isolado". Como ditador, quer governar com unanimidade.

Mas a vitória ou possível eleição de nomes ligados à ditadura, como Antônio Carlos Magalhães, Paulo Maluf, Nelson Marchezan, Gilberto Mestrinho, João Castelo, começa a mostrar a verdadeira cara deste governo. Um governo que escolhe o Sr. Jarbas Passarinho para o Ministério da Justiça (ele que, servicial do regime militar, editou um decreto banindo milhares de estudantes de esquerda das Universidades, e agora quer recriar a censura). Um governo que persegue trabalhadores, toma economias de populares, abre as pernas para o capital estrangeiro.

Os que votaram nessas figuras não foram enganados. Uma pesquisa recente mostrou que quase metade dos eleitores de Maluf sabem de seu envolvimento em casos de corrupção. A impunidade dos donos do poder gera o "eleitor cínico", o que vota no candidato que "rouba mas faz". Também esse eleitor está dando uma mensagem: "Olha, eu sei quem vocês são, e vou votar no pior de todos". Esse eleitor também acaba colaborando inconscientemente para a demoralização do processo eleitoral. A sua paciência também está no fim.

Então quem perdeu? A oposição. O PSDB foi abandonado pelos eleitores, cansados de tanta indecisão (não sabe se é governo, ou oposição, centro ou esquerda, estatista ou privatista). O PDT cresce um pouco, mas continua sendo a correia de transmissão da vontade do Sr. Leonel Brizola. O PT entra em uma crise violenta: a sua direção quer apoiar figu-

ras como Hélio Garcia (MG) e Fleury (SP). Os grupos de esquerda defendem o voto nulo. Mas quem entrou na lama tem que ir até o fim: o "mal menor" é a lógica do sistema político.

O objetivo de toda campanha eleitoral é aumentar o próprio poder de barganha e ganhar mais postos de poder. O voto nulo dos petistas é o voto nulo dos derrotados. Dos que se lambuzaram com o bolo e, agora com indigestão, querem cuspir no prato em que comeram!!!

O que muda com as eleições

Como todo processo de cartas marcadas, nada muda com essas eleições. O governo continua com maioria no Congresso (até ampliou a sua bancada de fisiológicos). Mas apoio político não assegura o fim da crise econômica, o ponto mais fraco deste e de todos os governos que o antecederam. É impossível estabilizar uma inflação na casa dos 15%. Os credores internacionais querem mais e mais pagamentos da dívida. O governo de novo apela para a "boa vontade" e "compreensão" dos empresários. E os trabalhadores?

É importante destacar que o voto nulo não é mais um candidato qualquer, em que se depositam todas as esperanças e pronto. Essa "bronca" mostrada pelos eleitores só faz sentido se for acompanhada de outras formas de protesto muito mais efetivas. O voto é nulo, você não! Da disposição de luta e da consciência dos trabalhadores dependem todas as propostas de transformação da sociedade atual. Os partidos te conduziram ao fundo do abismo, os patrões sugam o teu sangue como vampiros, os sindicatos oficiais te vendem por migalhas. Vamos varrer todo esse lixo!!

□ Nos Estados

RIO DE JANEIRO: Nos dias 31 de novembro e 1º e 2 de dezembro se realizará o ciclo de palestras "O anarquismo e as lutas sociais", na sede do Sindicato dos Petroleiros do RJ. A atividade está sendo organizada pela Juventude Libertária do Rio de Janeiro e um grupo de petroleiros dissidentes dos Sindicatos oficiais do Rio de Janeiro e de Macaé.

PARÁ: No início do mês de outubro um militante da COB viajou para a cidade de Belém, a fim de manter contato mais direto com o MCP (Movimento de Conscientização Popular). O MCP tem feito uma ativa campanha pelo VOTO NULO, através de cartazes e pichações pela cidade, e recentemente teve uma participação ativa na vitoriosa greve dos rodoviários de Belém. Além disso, os companheiros do Pará estão começando um trabalho no movimento estudantil de Belém.

Após assistirem uma palestra, ministrada pelo militante da COB, sobre "A História do Anarco-Sindicalismo e da COB (de suas origens aos dias atuais)", os membros do MCP decidiram dissolver essa entidade e formar uma Liga de Trabalhadores em Ofícios Vários.

Esperamos contar breve-

mente com a participação destes companheiros na COB.

MINAS GERAIS: Nos dias 12, 13 e 14 de outubro foi realizado em Belo Horizonte o 1º Encontro Nacional Punk Libertário. Compareceram mais ou menos 150 pessoas entre punks e anarquistas de quase todo o País. O dia 12 (sexta-feira) foi exclusivo para todos se conhecerem e trocarem idéias. No dia 3 (sábado) foi feita uma reunião pela manhã, onde todos passaram os informes de seus estados e(ou) cidades. À tarde foi realizada uma passeata com todos os participantes do encontro, e que continha várias faixas; dentre elas se destacou uma que estampava o famoso "A na bola"; foram gritadas várias frases como "Você aí parado também é explorado" e "Pena de morte: Não!" e outras mais. Essa passeata foi de grande validade. E nesse mesmo dia à noite, houve um GIG com várias bandas punks de vários estados.

Já no domingo (dia 14) foi feito o fechamento do encontro, onde ficou decidido que será feito um fanzine a nível nacional, no qual todos os estados poderão mandar matérias para serem publicadas no zine. Este será

distribuído a todas as pessoas, libertárias ou não.

O encontro foi válido, mas perdeu-se muito tempo quando foi dito que estava sendo fundado um partido (PCH) e ninguém concordou, pois em um encontro libertário ficar se falando de partido é pura perda de tempo. Espero que esse tipo de coisa não aconteça mais em outros possíveis encontros que venham a se realizar.

SÃO PAULO: Realizou-se no dia 20-10-90 o primeiro ato contra a democracia (pelo voto nulo) no segundo turno das "eleições".

Aqui em Sampa ficaram para o segundo turno Maluf (PDS) e Fleury (PMDB), com um índice elevadíssimo de votos nulos e abstenções.

Com várias faixas, panfletos, bandeiras e uma banquinha na qual vendíamos material libertário, realizamos mais um ato.

Ao contrário do primeiro turno, em que o local escolhido ficou repleto de partidários diversos, nesse segundo turno os tais estavam "com o rabo entre as pernas" e frustrados pela não eleição de seu rei. A praça ficou mesmo é repleta de anarcas e simpatizantes do movimento.

Até que no segundo turno apareceram alguns antimalufistas que apoiavam em aberto Fleury num ato de "protesto" (Ha! Ha!). Seu ato era patrocinado por Irede Cardoso, ex-militante do PT, agora no PV...

Mais uma vez provou-se que o anarquismo tem que atuar cada vez mais nas ruas, levando a consciência anabólica à população em geral.

BRASÍLIA: O Sindicato dos Comerciantes de Brasília empurrou goela abaixo mais um roubo à categoria. Na última assembleia da categoria realizada no dia 09/11, as questões importantes como a reposição salarial (285,5%, seis horas corridas, etc.) foram relegadas para segundo plano. A direção estava mais preocupada em fazer aprovar a proposta de uma "taxa assistencial" a ser descontada na folha de pagamentos dos trabalhadores.

O companheiro da COB que falou na assembleia rechaçou a proposta de mais uma taxa, argumentando que do irrisório salário do trabalhador do comércio não há mais nada o que tirar; afinal, os patrões já roubaram tudo. E que a necessidade maior da categoria não é a de enriquecer ainda mais o sindi-

cato, mas sim o de fazer uma forte organização de base. Prova disto é que de uma categoria de 70 mil apareceram na assembleia (que foi das maiores já vistas) apenas 300 trabalhadores. E que o sindicato tem uma suntuosa sede no centro da cidade e mais de 30 funcionários.

Propôs ainda que se deflagra-se uma greve nos shoppings e supermercados (que dada a maior aglomeração de trabalhadores são mais fáceis de organizar) nos dois dias que antecedem o Natal, época do ano em que os patrões mais lucram. Estes dias seriam certos para uma vitória.

Falou ainda que é preciso acabar de vez com a mentira sustentada pelo sindicato, de que a categoria "é frouxa, não quer lutar". Justificou a baixa politização da categoria pelo desinteresse dos pelegos nesta questão.

A oposição sindical da CUT também entrevistou na assembleia, menos preocupada com as questões que dizem respeito ao cotidiano dos comerciantes do que com a propaganda da sua central e consequentemente "ganhar" o sindicato nas eleições que se aproximam.

Nenhuma proposta progressiva foi aprovada. Foram mar-

Os Anarquistas e a Revolução Russa (I)

Este é o primeiro de uma série de textos que publicaremos sobre a Revolução Russa de 1917. A importância destes está principalmente na necessidade de rebaftermos energeticamente as baboseiras que a imprensa burguesa tem veiculando de que o socialismo estaria morto. Outro fator importante está em trazer para as pessoas que já conhecem e estudam o processo revolucionário russo uma nova visão. Com ela rebaftermos a visão da direita de que o povo russo optou pelo capitalismo e da esquerda que insistia em dizer que o regime implantado pelos bolcheviques era realmente socialista.

Neste primeiro texto já mostramos que a consigna popular de "todo poder aos soviets" era incompatível com a ditadura bolchevique (ou qualquer outra forma de governo).

O texto é retirado do livro "A Revolução Russa" de Maurício Tragtenberg, Editora Atual, Coleção Discutindo a História.

A desintegração do exército czarista na Primeira Guerra Mundial deveu-se à insistência do primeiro-ministro Kerenski, escolhido pelo sucessor de Nicolau II, o príncipe Lvov, em continuar uma guerra contra a Alemanha na qual o soldado russo não via sentido algum. A miséria no campo e a fome levavam esse soldado, filho de camponês ou camponês, a lutar pela paz e pela terra. Soldados se amotinando contra oficiais, marinheiros contra seus comandantes, operários contra patrões — esse era o quadro que a Rússia apresentava no período iniciado com a abdicação dos Romanov e terminado com a tomada do poder pelo partido de Lenin.

Chamou-se de Kerenschina as dez semanas durante as quais o general Kornilov tenta consumir um golpe de estado contra Kerenski, fracassado graças à união das esquerdas e dos liberais.

Por outro lado, a intransigência do patronato e a desmoralização do Governo Provisório haviam reforçado aqueles que não confiavam na Revolução de Fevereiro, que levava os liberais ao poder. Contra estes, pregavam "Todo poder aos soviets" como solução para os problemas externos (paz e guerra) e internos (problema agrário, controle operário da produção), procurando dar um conteúdo socialista à revolução.

O Palácio de Inverno caiu na noite de 25 de outubro de 1917, nas mãos do Partido Bolchevique sob direção de Lenin.

Agora era preciso enfrentar, no plano interno, o problema da organização do trabalho nas fábricas e nos campos, além da sabotagem dos antigos técnicos que serviam ao antigo regime, e, no plano externo, a invasão da Rússia por tropas alemãs e tchecas e os movimentos de contra-revolução, dirigidos por generais, que visavam a restabelecer o czarismo. Denikin, Wrangel, Petliura eram sinônimos de restauração monárquica e capitalista. E as relações dos soviets com o Partido Bolchevique e deste com o Estado? Enquanto no coração da Rússia, em Moscou e São Petersburgo, esses problemas são urgentes e imediatos, desenvolve-se na Ucrânia uma revolução socialista cujos princípios fundam-se na auto-organização dos camponeses, na autogestão econômica e social e na formação de milícias para enfrentar os generais czaristas que pretendiam, na Ucrânia, destruir a revolução socialista e restabelecer o antigo regime.

Em 1917 os bolcheviques tomaram o poder, mas no sul da Rússia só triunfaram a 26 de novembro de 1920. É que na Ucrânia ocorreria uma revolução social conhecida como Makhnovstchina, liderada por um camponês, Nestor Makhno.

Em março de 1917, em Guliai-Pole, Makhno reuniu os socialistas libertários (anarquistas) que lá deixara quando fora condenado à prisão perpétua pelo czarismo. Fundou a União dos Camponeses de Guliai-Pole, para organizá-los contra o governo Kerenski. Fir-



mou o princípio de que nos meios camponeses não seria admitido nenhum político, pois, segundo ele, todos sempre procuraram impedir que os trabalhadores fizessem a sua revolução.

No Congresso de Alexandrovka, perto de Guliai-Pole, Makhno enuncia que os camponeses não confiariam a obra revolucionária aos Comitês Comuns de Coalizão, manobrados por Kerenski. Foi o primeiro passo para desqualificar as autoridades constituídas e substituir o aparelho estatal pela organização livre dos camponeses. Nesse congresso, venceu a resolução de que a terra passasse às mãos dos camponeses sem indenização.

Em junho de 1917, deu-se a aliança entre os camponeses de Guliai-Pole e os operários de Alexandrovka, através da formação de uma União Profissional.

Os camponeses de Guliai-Pole assumiram o Departamento Agrário e o Departamento de Viveres, substituindo as funções do Comitê Comunal oficial.

As terras dos grandes proprietários e dos pequenos (kulaks) foram recenseadas. Contra essas duas classes, organizaram-se no soviete dos operários e camponeses, na forma de um comitê, os batraki (empregados das fazendas), que podiam agora organizadamente lutar contra os fazendeiros por suas reivindicações. A partir de junho de 1917, sob inspiração desse movimento, os camponeses deixaram de pagar arrendamento de terras aos proprietários.

A burguesia de Guliai-Pole fora desarmada. Makhno propôs aos camponeses a repartição das terras das igrejas, mosteiros e dos grandes latifúndios, para cuidarem da sementeira.

O presidente eleito do soviete de operários e camponeses de Guliai-Pole, Leon Schneider, junto ao Comitê Executivo Departamental de Ekaterinoslav, estabelece um plano de trabalho junto com a Federação Anarquista desta cidade industrial. Resulta um acordo com os metalúrgicos locais, no sentido de que enviassem matéria-prima às forjas de Guliai-Pole.

Em dezembro reúne-se o Congresso Departamental dos soviets de deputados camponeses em Ekaterinoslav, para o qual a região de Guliai-Pole designou Makhno e Mironov. Na cidade o poder estava dividido entre quatro ou cinco forças, entre as quais a de Kerenski e a da Rada ucraniana (monarquistas restauradores). Contra as críticas do anarcossindicalista Grinbaum, que aderira ao bolchevismo, e dos chauvinistas reacionários presentes, levantaram-se a Federação Anarquista de Ekaterinoslav, os marinheiros de Kronstadt lá presentes e os delegados anarquistas de Guliai-Pole. Sob a ameaça de serem atacados, a mando dos bolcheviques, pelo Regimento de Cavaleiros de São Jorge, Makhno, revelando seus objetivos aos soldados e oficiais, conseguiu que eles auxiliassem na luta contra a Rada ucraniana.

O bolchevique Einstém proclama a necessidade de um Estado proletário para a realização do projeto socialista; ouvindo isso, os camponeses passaram a exercitar-se na utilização de armas, convencidos de que os autoritários bolcheviques viriam tentar impor-lhes sua "autoridade" de armas na mão.

As forças da Rada ucraniana ameaçavam invadir toda a região e já lutavam contra os bolcheviques nas cidades. Cossacos vindos da frente alemã dispuseram-se a unir-se ao general Kaledin, chefe da contra-revolução. A 3 de janeiro de 1918 o comandante da Guarda Vermelha bolchevique, Bogdanov, dirige um apelo aos operários e camponeses de Guliai-Pole,

pedindo-lhes auxílio. Em resposta, centenas de anarquistas marcham para Alexandrovka, para reforçar a resistência à contra-revolução, comandados por Sava Makhno, irmão de Nestor Makhno.

Os bolcheviques, em Alexandrovka, querem impor leis aos operários; a Federação Anarquista desaprova a medida e envia dois delegados à região, Maria Nikoporova e Iacha Nikoporova. Maria é eleita presidente do Comitê Revolucionário, que pede um representante de Guliai-Pole; é enviado Makhno.

Fora constituída uma Comissão do Tribunal Revolucionário dos Guardas Vermelhos de Bogdanov. O comitê enviou dois representantes, Makhno e o bolchevista Mirgorodski. Receberam processos de presos para serem julgados.

Makhno exigiu a presença dos presos — muitos eram generais, coronéis chefes de milícia e soldados da Rada. Eram crimes revolucionários, porém inocentes dos crimes que lhes imputavam, pois não haviam tomado em armas sequer contra os bolcheviques. Makhno pediu exame de cada caso e teve que lutar contra a disposição dos bolcheviques em fuzilar todos indiscriminadamente, mas salvando alguns de quem esperavam serviços futuros. Makhno recusou esses bolcheviques que se proclamavam defensores da igualdade e da liberdade, mas as trocavam pelo privilégio do poder.

Enquanto isso, os cossacos marchavam em direção de Alexandrovka com a intenção de atravessar o rio Don e unir-se às forças do general Kaledin. Eles atacam, mas são repelidos e resolvem depor as armas. Muitos, porém, foram servir nas fileiras do Exército Vermelho, na região comandada por Antonov-Ovssenko.



O líder anarquista Nestor Makhno libertou a Ucrânia dos reacionários e dos alemães: teve suas tropas dizimadas por Trotski a mando de Lenin.

O Comitê Revolucionário resolve dar provas de que é revolucionário: intervém na vida local dos trabalhadores, expedindo ordens severas, verbalmente e por escrito. Lançou sobre a cidade o imposto de 18 milhões de rubros. Prendeu membros do Partido Socialista Revolucionário. Falou-se em criar um comissariado da prisão. Previra Makhno que mais cedo ou mais tarde haveria o rompimento entre os bolcheviques e os socialistas revolucionários de esquerda, com hegemonia para os primeiros. O manobrista político bolchevique na época era a perfeita ilustração de que Makhno chamara "a cozinha dos comitês centrais".

Chegando a Guliai-Pole, Makhno é eleito para a presidência do Comitê Revolucionário. Este exige o desarmamento do Regimento 48 de Berdiansk, composto de partidários de Kaledin. Com o auxílio da Federação Anarquista

de Alexandrovka, o batalhão é desarmado. As armas não são entregues ao general bolchevique Bogdanov, mas remetidas a Guliai-Pole, base inicial do exército dos camponeses livres.

Com a aprovação unânime do soviete local, Makhno obtém letras dos diretores do Banco da Rada existente em Guliai-Pole, sacando 250 mil rubros, para armar melhor a população.

Iniciam-se trocas diretas de produtos. As cidades enviariam tecidos e os camponeses de Guliai-Pole enviariam em troca trigo e outros gêneros alimentícios. Em quinze dias firmaram-se contatos com as indústrias têxteis de Prokhorov e Morozov. Estabelecem-se relações com Moscou. Vários vagões de trigo foram enviados por Guliai-Pole a Moscou; o trem volta com tecidos, porém os funcionários o detêm, enviando-o ao centro de aprovisionamento de Alexandrovka, pois, segundo eles, não havia licença das autoridades soviéticas para tais trocas.

Makhno envia protesto severo à seção de Alexandrovka e convoca uma assembléia de trabalhadores em Guliai-Pole, que exige marcha imediata contra as "inúteis autoridades" de Alexandrovka, reconhecendo o direito de Guliai-Pole aos tecidos apreendidos.

A assembléia mostra a inutilidade dos intermediários e as vantagens da troca direta e também a inutilidade dos burocratas governamentais.

Delegados camponeses vão às cidades para estabelecer trocas, mas são impedidos pelos bolcheviques, sob alegação de que estão sendo criadas organizações estatais para esse fim.

É que o Partido Bolchevique queria não só monopólio da revolução, mas também o poder em seus vários níveis, para aniquilar uma revolução que seguia uma via autônoma.

Após a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk, as autoridades bolcheviques retiram suas tropas da Ucrânia, deixando-a nas mãos das forças da Rada ucraniana, com seus aliados austríacos e alemães. Estes ocupam Kiev, capital da Ucrânia, em março de 1918, e grande parte do país à direita do Dnieper. Seiscentos mil homens a serviço da Rada, auxiliados por soldados austríacos e alemães, chegam ao rio Dnieper e tentam atravessá-lo. Batalhões bolcheviques e outros autônomos resistem ao ataque. Makhno lança um apelo a Guliai-Pole para organizar um exército; a cidade envia 1.500 homens. O comandante dos Guardas Vermelhos, Bilinkevitch, recebe apelo de Makhno para que forneça armas para resistir à contra-revolução. Não acreditando no que ouvia a respeito das realizações dos camponeses de Guliai-Pole, para lá se dirigiu e obteve a confirmação do que ouvira.

Seis canhões, três mil fuzis, vagões de cartuchos e nove vagões de balas para canhões são fornecidos aos camponeses de Guliai-Pole, cuja obra estava sendo ameaçada pela Rada ucraniana, pelos bolcheviques e pelo general Denikin.

Os bolcheviques não lutaram contra Denikin; esperavam que ele vencesse os anarquistas ucranianos para intervirem depois, destruindo-o. Porém o derrotado fora o exército de Denikin, composto de muitos soldados e bem armado.

Querendo cooptar Makhno, os bolcheviques ofereceram-lhe grandes vantagens para ingressar no Exército Vermelho organizado por Trotski. Começaram a louvá-lo e adulá-lo pela imprensa. Ele sentiu o perigo. Os bolcheviques não tolerariam a makhnovstchina. Insistiam em impor na região seus delegados, chefes da Tcheka (polícia política) e todo tipo de funcionários. Repelidos pelos camponeses, os bolcheviques lançaram mão da calúnia como arma política: Makhno tornou-se repentinamente contra-revolucionário, bandido, agente dos kulaks (pequenos proprietários de terra) e inimigo número um da revolução.

Ante isso, foi convocado o III Congresso Regional dos camponeses, soldados e operários a 10 de abril de 1919. O comandante de divisão do Exército Vermelho, Dibenko, declarou fora da lei a realização do Congresso e contra-revolucionários seus participantes.

Após a derrota do general czarista Wrangel, os bolcheviques, rompendo acordo formal com as forças de Makhno que participaram dessa luta, metralham das alturas do istmo de Perekop o exército makhnovista que regressava vitorioso pela estreita faixa entre a montanha e o mar.